

Da retórica à argumentação: o funcionamento de sentido das palavras

(From the Rhetoric to Argumentation: Understanding the Meaning of Words)

Débora Massmann¹

¹Mestrado em Ciências da Linguagem - Universidade do Vale do Sapucaí

debora.massmann@gmail.com

Abstract: In this paper, we analyze the meaning of the words ‘rhetoric’ and ‘argumentation’ as employed in the work *Le traité de l’argumentation. La nouvelle rhétorique*, published in 1958 by Perelman and Olbrechts-Tyteca. Through this study, we intend to contribute to the production of an understanding about the history of the argumentation - its constitution, its formulation and its usage - in human sciences during a very specific period: the resumption of the argumentation studies in the second half of the twentieth century.

Keywords: rhetoric; argumentation; semantics; words; meaning mechanisms.

Resumo: Neste trabalho, analisa(m)-se o(s) sentido(s) das palavras *retórica* e *argumentação* na obra *Le traité de l’argumentation. La nouvelle rhétorique*, publicada em 1958, por Perelman e Olbrechts-Tyteca. Através deste estudo, pretende-se contribuir para a produção de um saber sobre a história da argumentação – sua constituição, sua formulação e sua circulação – nas ciências humanas num período muito específico: a retomada dos estudos da argumentação, na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: retórica; argumentação; semântica; palavras; funcionamento de sentidos

Considerações iniciais

A retórica é a negociação da distância entre os sujeitos.
Esta negociação acontece pela linguagem
(ou, de modo mais genérico, através *da* – ou *de uma* linguagem)

Michel Meyer (1998)

Das diferentes perspectivas teóricas que estiveram presentes no processo de revitalização da retórica em meados do século XX, a obra *Tratado da argumentação. A nova retórica*¹ (TA) pode ser descrita como aquela que mais se assemelha à teoria aristotélica. Assim como fez Aristóteles, Perelman e Olbrechts-Tyteca situam suas reflexões e sua teoria da argumentação no domínio do verossímil, dado que é justamente no mundo da opinião e das discussões que a argumentação se revela. É no embate de diferentes pontos de vistas, no mundo da *doxa*, que as relações sociais, políticas e econômicas se produzem, se constituem e criam um espaço de funcionamento propício para o exercício do discurso persuasivo. O diálogo de Perelman e Olbrechts-Tyteca com Aristóteles produz efeitos inclusive na própria noção do que é um discurso persuasivo, ou convincente, que é retomada e ressignificada a partir da concepção aristotélica “como sendo aquele [discurso] que

¹ Texto originalmente publicado em língua francesa no ano de 1958: *Le traité de l’argumentation. La nouvelle rhétorique*.

consegue fazer o público sentir-se identificado com o seu produtor e a sua proposta” (MOSCA, 2004, p. 21).

Em sua gênese, a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca não toma como ponto de partida problemas linguísticos ou literários, mas um problema filosófico relacionado à fundamentação dos juízos de valor. Assim, os autores aventuraram-se em busca de uma lógica do valor, paralela à da ciência. Suas reflexões conduziram à antiga retórica que forneceu respostas aos questionamentos e impulsionou a reflexão dos autores. A grande descoberta do tratado da argumentação “é que, entre a demonstração científica e a arbitrária das crenças, *há uma lógica do verossímil, a que dão o nome de argumentação, vinculando-a à antiga retórica*”² (REBOUL, 2004, p. 84).

Encontrando aval na retórica aristotélica, a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca diligenciou a revitalização da argumentação não só como teoria do discurso persuasivo, mas também como campo de estudos da linguagem. De fato, a reabilitação da retórica, atrelada à argumentação, a partir do final da década de 50, viu terreno fértil para se desenvolver. Não é por acaso, portanto, que alguns estudiosos consideram o TA como uma verdadeira “teoria do discurso persuasivo” (REBOUL, 2004), pois, ao privilegiar a *inventio*³ — primeira fase do dispositivo retórico proposto por Aristóteles — o TA traz uma descrição detalhada das estratégias de persuasão e apresenta um estudo quase exaustivo dos diversos tipos de argumentos. Trata-se de uma teorização sobre os modos de persuadir.

A relevância da obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca para a (re)organização de um campo de estudos da argumentação é inegável. Ao retomar os postulados da retórica clássica, para, a partir dela, propor uma teoria da argumentação fundamentada na noção de verossimilhança, os autores rompem com a tradição do racionalismo cartesiano. Para Breton (2003, p. 17), o período que antecede a publicação de o TA pode ser descrito como um momento de “enfrentamento entre uma cultura da evidência” e uma “cultura da argumentação”. Nesse processo litigioso entre, eu diria, a cultura da evidência e a cultura da verossimilhança, as reflexões, apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca na publicação de 1958, inscrevem um novo tempo para a própria retórica e, principalmente, para as pesquisas sobre argumentação. Um dos grandes méritos desta obra é o fato de se projetar uma teoria da argumentação colocando em funcionamento uma memória de sentidos sobre a retórica clássica.

É para este movimento, à contramão do que vinha sendo realizado na época, que eu quero chamar atenção. Meu objetivo neste estudo é justamente mostrar o funcionamento do sentido das palavras *retórica* e *argumentação* na obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca, ou seja, como essas palavras se determinam e se ressignificam enunciativamente. Para

2 Grifo meu.

3 O sistema retórico proposto por Aristóteles está organizado em quatro partes distintas correspondem às diferentes fases percorridas pelo orador durante a composição de seu discurso, a saber: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio*. De acordo com Mosca (2004, p. 27-28), “inicialmente, é preciso achar o que dizer; em seguida, ordenar o que se encontrou e proceder a um investimento no plano da expressão, de modo a ter adequação nas escolhas. Na realidade, o que se dá é que o pensamento, as idéias se forjam num trabalho conjunto com linguagem, resultando que aprender a exprimir-se é também aprender a pensar”.

isso, inserida na perspectiva da *História das ideias linguísticas*,⁴ tomo como quadro teórico a Semântica do Acontecimento tal como proposta por Guimarães (2002). É o olhar do semanticista, atrelado à perspectiva de estudo da história das ideias linguísticas, que conduz à compreensão das especificidades do conceito de argumentação nas ciências humanas e que, além disso, orienta à investigação sobre o papel da apropriação desse conceito para as rupturas teórico-metodológicas que a argumentação produziu e ainda produz no quadro das ciências humanas.

Sobre Semântica do Acontecimento

A Semântica do acontecimento considera que o sentido é constituído pelas relações de determinação semântica que as palavras estabelecem entre si tanto no nível do enunciado quanto no nível do texto. O sentido não é tomado então como uma simples relação entre palavras, frases e texto. A cada acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2002, 2007, 2009), as palavras, a partir de seu funcionamento político e histórico, podem assumir novos sentidos e significar coisas diferentes. Assim, para descrever o sentido das palavras, investigam-se as condições sócio-históricas e ideológicas em que os acontecimentos enunciativos são produzidos. Acontecimento(s) estes que se caracterizam pelo funcionamento da língua num dizer específico sobre a argumentação. A noção de acontecimento é tomada aqui tal como formulada por Guimarães (2002, 2011). Ou seja, o acontecimento é aquilo que faz diferença na própria ordem

E o que especifica este acontecimento não é considerado em virtude de estar num certo momento no tempo, antes de um outro acontecimento também no tempo. Não é este aspecto que considero especificador de um acontecimento. O que especifica um acontecimento é a temporalidade que ele constitui: um passado, um presente e um futuro. Ou seja, um acontecimento é distinto de outro acontecimento porque ele recorta um passado de sentidos que convive com o presente da formulação do Locutor e assim traz uma projeção de futuro de sentidos que não significariam não fosse o acontecimento em questão. (GUIMARÃES, 2011, p. 15)

Nessa perspectiva, a noção de acontecimento coloca-se como central à reflexão que proponho já que não é o Locutor que constitui o ponto de referência para o presente, conforme propôs Benveniste (1959), mas sim o acontecimento de linguagem. É ele, o acontecimento, que vai constituir o tempo da enunciação e agenciar o falante em Locutor (GUIMARÃES, 2011). Assim, a cada acontecimento, as palavras podem assumir sentidos diversos e significar coisas diferentes. Esse processo de produção de sentidos acontece no funcionamento do texto e mobiliza procedimentos enunciativos distintos que afetam, reescrevem, retomam e ressignificam o que já foi dito.

Com o objetivo de depreender o(s) funcionamento(s) e a(s) ruptura(s) de sentido(s) das palavras *retórica* e *argumentação*, interesse-me pelos procedimentos de reescrituração e de articulação.

4 *História das Ideias Linguísticas* é um programa que reúne pesquisadores interessados em investigar a história dos estudos da linguagem. No Brasil, o projeto, coordenado por Eni P. Orlandi e Eduardo Guimarães, tem contribuído para se compreender a constituição de um saber metalinguístico no Brasil desde a Época Colonial, levando-se em conta o papel de obras, autores, teorias, acontecimentos, instituições, na produção desse saber. Para mais informações acesse: <http://www.unicamp.br/iel/hil/>

A reescrituração pode ser definida como um procedimento, através do qual a enunciação retoma, rediz e reescreve o que já foi dito atribuindo-lhe novos sentidos, fazendo-o significar de outra maneira diferente de si. Tem-se assim a reescrituração como um procedimento que predica algo ao reescriturado. Fazendo isso, ela coloca em funcionamento uma importante operação enunciativa: a predicação. De acordo com Guimarães (2007, p. 84), a predicação constitui “operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos. Ou por negar a outra, ou por retomá-la, ou por redizê-la com outras palavras, ou por expandi-la ou condensá-la, etc...”.

A reescrituração pode ocorrer sob diferentes formas, isto é, ela pode se manifestar através de repetição, substituição, elipse, expansão, condensação ou definição. Esses diferentes modos de reescrituração criam uma trama (teia) de sentidos na superfície textual, pois conectam pontos do texto entre si e com outros textos. Meu interesse é observar como, através desses procedimentos de reescrituração, o sentido das palavras é construído, deslizado e alterado. Dito de outra forma, meu propósito é saber como o sentido das palavras *retórica* e *argumentação* se historiciza e como, ao ser retomada, elas fazem significar algo que não estava significado (GUIMARÃES, 2007).

Se a reescrituração engloba relações que podem se estabelecer na unidade do texto, a articulação remete à análise das relações de contiguidade no interior do próprio enunciado. Ela se dá como uma relação local e produz sentidos através das relações de contiguidade significadas pelo agenciamento enunciativo. O estudo da articulação permite dizer “como o funcionamento de certas formas afeta outras que elas redizem” (GUIMARÃES, 2007, p. 88). Dentre as relações de articulação, pode-se citar a pressuposição, a predicação e a referência no âmbito do enunciado e as relações argumentativas, entre outras.

Observando estes dois procedimentos enunciativos, chega-se ao Domínio Semântico de Determinação (DSD) (Guimarães, 2007) das palavras *retórica* e *argumentação* na obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca. O DSD funciona como um mecanismo de descrição e de interpretação que mostra como, no acontecimento do dizer, o funcionamento das palavras produz sentidos. Neste conceito de DSD, a determinação semântica ocupa uma posição de destaque. Ela é descrita como uma relação enunciativa fundamental no processo de produção de sentidos das expressões linguísticas (GUIMARÃES, 2007). É nas e pelas relações de determinação semântica, constituídas no acontecimento enunciativo, que as palavras significam. Os sentidos se constroem e se constituem, portanto, pelas relações de determinação entre as palavras que resultam do modo como estas se relacionam, umas com as outras, não só ao longo do(s) enunciado(s), mas também ao longo de um mesmo texto e entre textos diferentes.

Assim, na presente reflexão, o estudo do(s) funcionamento(s) de sentido(s) das palavras *retórica* e *argumentação* ampara-se, necessariamente, no conceito de DSD. Dito de outra forma, dizer qual é (ou quais são) o(s) sentido(s) das palavras *retórica* e *argumentação* implica poder estabelecer seus DSDs. No processo de análise, o DSD é descrito, representado e identificado por sinais muito específicos que constituem o próprio DSD. Tem-se assim a seguinte representação:

- 1) os sinais \top ou \perp ou \dagger ou \vdash indicam “determina” (em qualquer direção);
- 2) o traço $—$ indica uma relação de “sinonímia”;
- 3) o traço maior $_____$, dividindo o DSD, significa “antonímia”.

Utilizando-me desse quadro teórico-metodológico, mostro, nas análises a seguir, as relações semânticas das palavras *retórica* e *argumentação* na “Introdução” da obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958). Através dessa reflexão, contribui-se para a produção de um saber sobre a história da argumentação – sua constituição, sua formulação e sua circulação – nas ciências humanas num período muito específico: a retomada dos estudos da argumentação, na segunda metade do século XX.

Da retórica à argumentação: relações de sentido

A partir desse *corpus*, é possível ter uma visão do modo como as palavras *retórica* e *argumentação* são (re)significadas. Selecionei como ponto de partida para minhas análises o título da obra:

Recorte 1: “O tratado da argumentação. A nova retórica”. (PERELMAN; OLBRECHTS--TYTECA, 2002, Título da obra)

Aqui a palavra “argumentação” articula-se ao substantivo “tratado”, através do determinante “de + a”. Esse enunciado é especificado, logo na sequência, no próprio título. O sinal de pontuação ponto-final (.) marca uma ruptura na exposição do título que é seguida imediatamente de uma especificação através do sintagma nominal “A nova retórica”. Para compreender o(s) sentido(s) que está(ão) funcionando nesse enunciado, proponho as seguintes paráfrases:

1’ Existe uma retórica velha.

1” Há um tratado da argumentação que é a nova retórica.

1”” Este tratado da argumentação é a nova retórica.

A relação de predicação que pode ser verificada a partir das paráfrases revela que, já no título da obra, a enunciação de Perelman e Olbrechts-Tyteca traz consigo, e coloca em funcionamento, uma memória de sentidos cuja gênese é a retórica clássica. Em seu dizer, os autores mostram que a argumentação, antes concebida como cerne da antiga retórica, está sendo ressignificada nesse acontecimento enunciativo não só pela reescrituração de “argumentação”, mas também e, sobretudo, a partir da designação “nova retórica”. O tratado sobre a argumentação que os autores propõem apresenta-se como um desdobramento da retórica clássica, ou, melhor, como uma nova perspectiva da retórica.

Já no recorte seguinte, observa-se uma reescrituração da palavra “argumentação” por um procedimento de repetição (recorte 2).

Recorte (2): A publicação de um tratado consagrado à argumentação e sua vinculação a uma velha tradição, a da retórica e da dialética gregas, constituem *uma ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes*, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 1)

As relações semântico-enunciativa entre “argumentação” e “retórica e dialética” estão explícitas no enunciado através de procedimentos de articulação que mostram uma rede de sentido em que as palavras *retórica* e *argumentação*, ao determinarem uma a outra nesse acontecimento do dizer, ressignificam-se na história.

- (05) 2' Há um tratado consagrado à argumentação.
- (06) 2'' Este tratado da argumentação vincula-se à velha tradição da retórica e da dialética gregas.
- (07) 2''' Este tratado da argumentação, vinculado à velha tradição da retórica e da dialética gregas, é um ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio de Descartes.
- (08) 2'''' Este tratado da argumentação, vinculado à velha tradição a da retórica e da dialética gregas, rompendo com uma concepção da razão e do raciocínio de Descartes, é a nova retórica.

Essas paráfrases permitem observar que, além de reescrever uma memória de sentidos sobre a tradição grega da retórica e da dialética, as relações de sentidos das palavras no acontecimento enunciativo inscrevem a teoria da argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca como uma ruptura, ressignificando e reescrevendo, por uma elipse, a “nova retórica”, e demarcando assim um lugar teórico muito específico para a obra. O “Tratado da argumentação” está assim situado num espaço teórico híbrido que dialoga com a retórica clássica da Antiguidade, que rompe com o racionalismo cartesiano do passado (imediato) e que projeta uma nova configuração para os estudos da argumentação, a nova retórica.

Essas relações de significação mostradas através das paráfrases podem ser confirmadas no recorte (3), a seguir, em que “tratado da argumentação” aparece reescrito por substituição em “nosso tratado” e por repetição através do emprego do pronome oblíquo “o”. A articulação, por coordenação, nesse enunciado, coloca em funcionamento novamente um dizer que rememora, ou seja, que traz consigo uma memória de sentidos sobre o Renascimento e a Retórica Clássica, sendo esta última designada ora como uma “arte”, a arte de persuadir e de convencer, ora como uma “técnica”, técnica da deliberação e da discussão. É a partir desse memorável que, na sequência do enunciado, o “tratado da argumentação” passa a ser determinado e nomeado como a “nova retórica”.

Recorte (3): [...] nosso tratado se relaciona sobretudo com as preocupações do Renascimento e, conseqüentemente, com as dos autores gregos e latinos, que estudaram a arte de persuadir e de convencer, a técnica da deliberação e da discussão. É por essa razão também que o apresentamos como uma *nova retórica*. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 5)

As palavras *retórica* e *argumentação* continuam sendo reescritas e ressignificadas ao longo do texto. Exemplo disso é o recorte (4a e 4b) em que há uma comparação explícita entre as duas disciplinas. Nessa relação comparativa, os sentidos às vezes se aproximam e se afastam. É importante observar, no entanto, o modo como essas palavras, a partir de seu funcionamento político e histórico, podem assumir novos sentidos, significar coisas diferentes e também redizer o sentido já-dito e já-legitimado em outras condições histórico-ideológicas.

No recorte (4a), a palavra “retórica” aparece sendo determinada pelo adjetivo “antiga”, pelos sintagmas nominais “arte de falar em público de modo persuasivo” e “arte oratória”, e também pelo substantivo “argumentação”.

Recorte (4a): O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; (...) vê-se, assim, que a meta da arte oratória – a adesão dos espíritos – é igual à de qualquer argumentação. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 6)

Já no recorte (4b), verifica-se que “tratado da argumentação” aparece reescrito pelo sintagma nominal “nosso estudo”, que, articulado a uma oração subordinada em “preocupando-se sobretudo com a estrutura da argumentação”, anuncia o objeto da teoria

de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a “estrutura da argumentação”. Assim, tem-se que a “argumentação” é determinada por “estrutura”. Essa determinação marca uma posição de distanciamento importante para o TA, pois o estudo da argumentação proposto por ele “não insistirá, portanto, na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório” (recorte 4b). Cabe, pois, à retórica preocupar-se com a comunicação com o auditório, já que ela tem como meta a adesão dos espíritos (recorte 4a).

Recorte (4b): Nosso estudo, preocupando-se sobretudo com a estrutura da argumentação, não insistirá, portanto, na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 6)

Observe que as relações de sentido entre *retórica* e *argumentação* vão sendo sutilmente ressignificadas no acontecimento enunciativo. Há um vai-e-vem de sentidos que se constroem e se determinam no funcionamento da língua. No recorte (5), por exemplo, observe que “argumentação” está reescrita por elipse através do sintagma verbal, em 1ª pessoa do plural, “conservamos” e, além disso, ela está sendo determinada pelos substantivos “auditório” e “discurso”. Enquanto “discurso” é inserido e parece se relacionar de modo mais próximo com a “nova retórica”, “auditório” aparece aqui reescrito por repetição (confira os recortes 4a, “adesão dos espíritos”, e 4b, “auditório”, em que ele aparece determinando *retórica*) estabelecendo, nesse recorte, uma relação de determinação semântica com a *argumentação*.

Recorte (5): O que conservamos da retórica tradicional é a idéia mesmo de auditório, que é imediatamente evocada assim que se pensa num discurso. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 7)

No recorte (6), as relações comparativas continuam ocupando lugar de destaque no acontecimento enunciativo. *Retórica* é reescrita por repetição e passa a ser determinada pelos substantivos “estudo”, “técnica” e pelo adjunto adnominal “uso vulgo, impaciente” e “público ignorante”; enquanto que *argumentação*, também reescrita por repetição, é determinada, numa relação de antonímia, por “estudo”, “público não-ignorante”, “uso não-vulgo, paciente” como é possível verificar no seguinte recorte:

Recorte (6): Se, entre os antigos, a retórica se apresentava como o estudo de uma técnica para o uso vulgo, impaciente por chegar rapidamente a conclusões, por formar uma opinião para si, sem se dar ao trabalho prévio de uma investigação sério, quanto a nós, não queremos limitar o estudo da argumentação àquela que é adaptada a um público de ignorantes. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 7)

Para ilustrar ainda mais o movimento de sentido das palavras *retórica* e *argumentação*, trago para análise um último recorte:

Recorte (7): Nosso tratado só versará sobre *recursos discursivos* para se obter a adesão dos espíritos: apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada a seguir. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 8)

Observe que “nosso tratado”, ao reescrever por condensação elíptica *argumentação*, articula-se ao advérbio “só” para delimitar e definir seu objeto de estudo “*recursos discursivos* para se obter a adesão dos espíritos” que aparecem aqui reescrevendo as “técnicas” já enunciadas em recortes anteriores tanto para designar *retórica* como para designar *argumentação*. É preciso chamar a atenção aqui para a reescrita por repetição que

aparece após o sinal de pontuação “:” (dois pontos) em “apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada a seguir”. O advérbio “apenas” enfatiza a especificação do tratado que se propõe a refletir sobre “a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer”. O sentido em questão aqui se relaciona à *argumentação* ou à *retórica*?

Para tentar responder a esse questionamento, apresento a seguir os Domínios Semânticos da Determinação (DSD) que vêm representar esse jogo da significação depreendido a partir da descrição apresentada acima.

Quadro 1: Domínio Semântico da Determinação (1): Retórica

uso vulgo/impaciente ⊥		público ignorante ⊥	
velha tradição	RETÓRICA	técnica da deliberação	
arte de persuadir		técnica da discussão	
arte de convencer		comunicação com o auditório	
arte de falar em público		estudo	
arte da oratória			
⊥ argumentação			

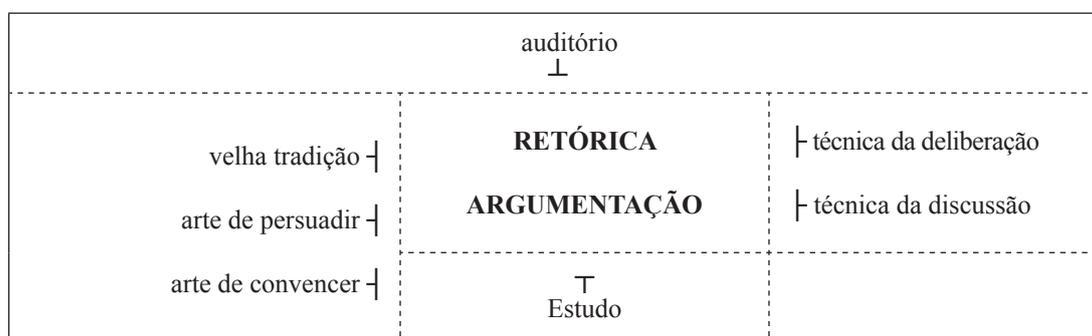
Quadro 2: Domínio Semântico da Determinação (2): Argumentação

uso não-vulgo/paciente ⊥		público não-ignorante ⊥	
arte de persuadir	ARGUMENTAÇÃO	técnica da deliberação	
arte de convencer		técnica da discussão	
estrutura		discurso	
		auditório	
		estudo	
	⊥ tratado da argu- mentação	⊥ retórica clás- sica	
	⊥ nova retórica	⊥ velha tradição	
	⊥ ruptura com o cartesianismo	grega	

Os DSDs confirmam aquilo que as análises vinham mostrando: os sentidos que determinam as duas palavras estão em constante efervescência ao longo do texto. São sentidos que migram, deslocam-se e (re)significam(-se) a cada acontecimento de dizer. Esse incansável movimento de significações acontece, como já destaquei anteriormente, pelas relações políticas e históricas que as palavras estabelecem entre si num mesmo enunciado, entre diferentes enunciados de um mesmo texto ou com enunciados de textos distintos.

Conforme a representação dos DSDs, a primeira observação que deve ser apontada é o fato de que as palavras *retórica* e *argumentação* têm seu sentido constituído e afetado a partir de relações de determinação que essas palavras estabelecem entre si. Afinal, não é por acaso que *retórica* entra no DSD de *argumentação*, e vice-versa. Além disso, é importante destacar que a determinação semântica dessas palavras é constituída também por dizeres que se entrelaçam formando uma rede de sentidos que se sustenta a partir de “arte de persuadir”, “arte de convencer”, “técnica de deliberação”, “técnica de discussão”, “estudo”, “velha tradição”, “retórica”, “argumentação”. Isso coloca em funcionamento, como já disse, uma memória de dizer e de significação cuja gênese é a retórica clássica. Conforme já destacou Guimarães (2002), nenhuma palavra e nenhum sentido se produzem sem que haja um passado, uma história de enunciações. Desse modo, considerando as relações de sinonímias entre os sentidos de *retórica* e de *argumentação*, poder-se-ia pensar num terceiro DSD para representar o que acabamos de descrever:

Quadro 3: Domínio Semântico da Determinação (3): Retórica e argumentação



Do mesmo modo que há sentidos que se cruzam, se complementam e se sobrepõem, há também aqueles que, no acontecimento da enunciação, se desdobram, se rompem e passam a funcionar em direções opostas, significando de outro modo. É por isso que a Semântica do Acontecimento compreende que o sentido não está dado como alguma coisa pronta, pré-construída e pré-estabelecida. Para nós, o sentido é construído no acontecimento de dizer a partir das relações políticas, históricas e ideológicas que as palavras constroem, nas relações entre enunciados, entre textos e também na relação com a exterioridade, o espaço de enunciação. Nessa perspectiva, observando a análise apresentada acima, observa-se que as palavras *retórica* e *argumentação* foram também determinadas por dizeres que produziram relações de antonímia, como, por exemplo, enquanto a *retórica* é designada por “uso vulgo/impaciente” que está destinada a um “público ignorante” e que visa à “comunicação com o auditério”, entende-se, pelas relações de significação das palavras, que a *argumentação* é determinada por “uso não-vulgo/paciente”, sendo destinada a um “público não-ignorante” e que se interessa apenas pela noção de “auditério”.

Considerações finais

Desde Aristóteles, *retórica* e *argumentação* estabeleceram relações muito peculiares. Se na sua origem a argumentação chegou a ser descrita como o âmago da retórica clássica, a história dessas duas disciplinas tem mostrado que, ao longo dos séculos, essa relação constitutiva teve momentos de legitimação e de resistência.

Ao analisar o funcionamento de sentidos dessas duas palavras no TA de Perelman e Olbrechts-Tyteca, busquei compreender o modo como, na textualidade da obra, essas duas palavras relacionam-se, (re)dizem-se e (re)significam-se. Ainda que possa haver uma relação de complementaridade de sentido entre retórica e argumentação, o estudo mostrou que as duas palavras são ressignificadas e afetadas pelas condições histórico-ideológicas do período em que são enunciadas. Os sentidos de *retórica* e *argumentação* na obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958) deslocam-se, desdobram-se, rompem-se e constituem-se no e pelo acontecimento de um dizer específico sobre a argumentação.

REFERÊNCIAS

BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. 2. ed. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2003. 190 p.

GUIMARÃES, E. *Análise de textos*. Procedimentos, análises, ensino. Campinas: Editora RG, 2011. 160 p.

_____. A enumeração, funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: Editora da Unicamp, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009.

_____. Domínio Semântico e Determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.) *A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas: Pontes, 2007. Cap. 5, p. 77-96.

_____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002. 96 p.

MEYER, M. *Questões de Retórica: Linguagem, razão e sedução*. Tradução de António Hall. Lisboa: Nova Biblioteca 70, 1998. 230 p.

MOSCA, L. S. (Org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 2004. 200 p.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de Argumentação: A nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 653 p.

_____. *Traité de l'argumentation. La nouvelle Rhétorique*. Bruxelles: Editeur Université de Bruxelles, 1958. 656 p.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 253 p.